

Divida Externa **Eris encerra viagem e afirma que negociações serão difíceis**

25 OUT 1990 ESTADO DE SAO PAULO

**Diretor do FMI
recomenda ao Brasil
que explique melhor
o seu programa**

MOISÉS RABINOVICI
Correspondente

O subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, e o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, perguntaram ao presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, quando o Brasil voltará a pagar os juros de sua dívida externa.

"O Brasil pode retomar o pagamento quando achar que tem condições de fechar um acordo com os bancos", disse Ibrahim Eris à imprensa, ontem, ao concluir sua visita de dois dias aos Estados Unidos. "Hoje o Brasil nem sabe a quem pagar, e o que", acrescentou.

Ibrahim Eris afirmou que terá de admitir que as negociações serão difíceis quando fizer ao presidente Fernando Collor um relatório da viagem. Num momento da entrevista ele se mostrou confiante em que o Brasil possa contar com toda a ajuda necessária do governo americano e das organizações financeiras internacionais. Mas, quando um repórter perguntou se ele tinha obtido alguma promessa concreta, corrigiu:

— Não. Estou interpretando.

As linhas de crédito de curto prazo, que sustentam o comércio exterior brasileiro, estão cada vez mais curtas, em volume e tempo. Eram US\$ 15 bilhões, mas Eris não quis revelar, ontem, o nível atual — no final da moratória do ministro Dilson Funaro elas perderam cerca de US\$ 4 bilhões a 5 bilhões. Ele comentou: "Pode ocorrer alguma aceleração nesse processo de encurtamento e desaparecimento dessas linhas nos próximos meses". E acrescentou: "Embora esse seja um dos pontos fracos da posição brasileira, não é fatal, porque montamos um esquema no Banco Central para substituir essas linhas".

O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, recomendou que o governo brasileiro invista mais tempo na explicação do seu programa, que foi recebido com certa confusão pela comunidade financeira.

"O gargalo, hoje, não está mais no FMI, e, sim, nos bancos credores e no Clube de Paris", explicou Eris. Ao sair do FMI, tarde da noite de anteontem, ele não sabia quando a carta de intenções do Brasil seria encaminhada para aprovação da diretoria. "Não precisamos desse dinheiro (US\$ 2,2 bilhões) enquanto não fecharmos um acordo com os bancos."

Ibrahim Eris teve uma "conversa reservada" com o subsecretário Mulford, que compartilhou com a imprensa. Limitou-se a dizer: "Ele levantou algumas questões sobre a capacidade de pagamento e sobre como se relacionava com o balanço de pagamentos". Camdessus fez a mesma pergunta. Eris respondeu: "Explicuei que 90% da dívida externa brasileira está nas mãos do governo e, por isso, a questão deve ser enfocada sob um ponto de vista de finanças públicas, e não de balanço de pagamentos".

O presidente do BC revelou que Mulford e Camdessus não foram os únicos a perguntar quando o Brasil poderá pagar os juros. "Isso é uma constante e este ponto, sem dúvida, é um dos que voltarão à mesa de negociações." Ele partiu para o Brasil satisfeito porque obteve, como contou, a simpatia das organizações internacionais e do governo americano. "Mas nossa proposta não é facilmente aceitável pelos bancos", observou. "Para alcançarmos um acordo deveremos mostrar que o sacrifício que pedimos aos bancos nos anos iniciais é do interesse deles e torna viável o pagamento integral da nossa dívida", disse.

□ *Leia declarações do embaixador Jório Dauster na página 7*